SAÚDE MENTAL

Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento e Cuidado na Sociedade Moderna

Edição XXIX

Capítulo 24

DIFERENCIAÇÃO PSICOPATOLÓGICA ENTRE ILUSÃO, ALUCINAÇÃO E PSEUDOALUCINAÇÃO: REVISÃO CLÁSSICA

JULIANA KOSTE VOLKEN[1]
LUCAS PEREIRA MARTINS[2]

[1]*Discente – Medicina da Universidade do Vale do Taquari.*
[2]*Discente – Medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul.*

Palavras-Chave: *Sensopercepção; Alucinação; Psicopatologia Fenomenológica.*

DOI: 10.59290/1529956002

EDITORA PASTEUR

INTRODUÇÃO

A sensopercepção constitui um dos domínios centrais da psicopatologia, pois estrutura a forma como o sujeito se relaciona com o mundo e consigo mesmo. A percepção não corresponde apenas à recepção passiva de estímulos sensoriais, mas resulta de um processo ativo de integração entre sinais aferentes, memória, linguagem, expectativa e organização do self. Alterações qualitativas nesse campo, como ilusões, alucinações e pseudoalucinações, representam modificações profundas na experiência consciente e possuem relevância diagnóstica transversal na psiquiatria clínica.

A distinção entre ilusão e alucinação foi sistematizada no século XIX por Jean-Étienne Dominique Esquirol, ao definir a alucinação como "percepção sem objeto". Posteriormente, Karl Jaspers introduziu o conceito de pseudo-alucinação, diferenciando experiências projetadas no espaço externo daquelas vivenciadas no espaço interno subjetivo. Essa formulação influenciou decisivamente a semiologia psiquiátrica do século XX.

Entretanto, investigações contemporâneas apontam que tais distinções podem não ser tão rígidas quanto se supunha. Estudos sobre alucinações auditivas verbais (AAVs), especialmente na esquizofrenia, demonstram ampla variabilidade fenomenológica e ausência de marcadores neurobiológicos exclusivos capazes de sustentar divisões categóricas estritas.

O objetivo deste estudo foi revisar criticamente os conceitos de ilusão, alucinação e pseudoalucinação, integrando a tradição psicopatológica clássica com modelos neurocognitivos atuais, além de discutir o chamado "desafio das pseudoalucinações" e suas implicações clínicas.

MÉTODO

A busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados PubMed e Medline, utilizando os descritores em inglês: *"auditory verbal hallucinations"*, *"phenomenology"*, *"pseudohallucinations"*, *"schizophrenia"*, *"neuropsychology"* e *"neuroimaging"*, combinados por operadores booleanos AND/OR. Foram incluídos artigos publicados em inglês, disponíveis na íntegra, que abordassem aspectos fenomenológicos, diagnósticos, neuropsicológicos ou de neuroimagem das alucinações auditivas verbais. Foram excluídos artigos duplicados, estudos exclusivamente farmacológicos, relatos de caso isolados e publicações que não discutissem diretamente a fenomenologia das experiências perceptivas.

O primeiro eixo consistiu na análise teórica do capítulo "A sensopercepção e suas alterações (incluindo a representação e a imaginação)" da obra *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*, de Paulo Dalgalarrondo, utilizado como referencial semiológico clássico para definição e descrição de percepção, ilusão, alucinação e pseudoalucinação, bem como de parâmetros descritivos (vividez, corporeidade, convicção de realidade e espacialidade).

O segundo eixo baseou-se na análise crítica do artigo *The phenomenology of auditory verbal hallucinations in schizophrenia and the challenge from pseudohallucinations*, que problematiza a distinção tradicional entre experiências internas e externas.

O terceiro eixo integrou evidências neuropsicológicas e de neuroimagem sistematizadas no artigo *Auditory Verbal Hallucinations: Phenomenology, Neuropsychology and Neuroimaging Update*, contemplando modelos cognitivos explicativos, alterações estruturais e padrões funcionais associados às alucinações auditivas verbais.

Os materiais selecionados foram submetidos à leitura analítica e comparativa, com extração temática dos conceitos centrais. A síntese foi realizada de forma descritiva e integrativa, articulando os três eixos teóricos a fim de construir um modelo explicativo ampliado das alucinações auditivas verbais, preservando a coerência conceitual entre semiologia, fenomenologia e neurociência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ilusão foi caracterizada como distorção perceptiva de objeto real presente. Diferentemente da alucinação, existe estímulo externo efetivo, mas sua interpretação encontra-se alterada. Conforme descrito por Dalgalarrondo, ilusões tendem a ocorrer em contextos de rebaixamento do nível de consciência, estados febris, privação sensorial ou intensa carga afetiva. Do ponto de vista cognitivo, podem refletir predominância de processos interpretativos descendentes sobre estímulos ambíguos, evidenciando o caráter construtivo da percepção.

A alucinação, por sua vez, corresponde a experiência perceptiva sem objeto externo correspondente, marcada por vividez sensorial, corporeidade, autonomia fenomenológica e forte convicção de realidade. Nas alucinações auditivas verbais, observa-se heterogeneidade quanto ao conteúdo e à forma, podendo incluir vozes em segunda pessoa, comentários sobre o comportamento do sujeito ou diálogos entre vozes. Estudos epidemiológicos indicam prevalência significativa dessas experiências na população geral, sustentando modelo dimensional da psicose.

Do ponto de vista neuroanatômico, foram descritas reduções volumétricas no giro temporal superior e alterações hipocampais, além de comprometimento da junção temporoparietal direita e de tratos de substância branca implicados na linguagem. Em termos funcionais, durante episódios alucinatórios observa-se hiperativação do córtex auditivo primário e de áreas associadas ao processamento linguístico, acompanhada de alterações na rede de modo padrão e na rede salience.

Modelos cognitivos propõem que as vozes possam resultar de falhas no reconhecimento da fala interna autogerada, de déficits no monitoramento da fonte ou de desequilíbrios em mecanismos de codificação preditiva. A hipótese da disfunção da descarga corolária sugere comprometimento na sinalização neural que normalmente distingue estímulos autogerados de estímulos externos. Contudo, nenhum desses modelos explica completamente a variabilidade quanto à espacialidade das vozes.

A pseudoalucinação, conforme definida por Jaspers, corresponderia a vivência sensorial intensa situada no espaço interno subjetivo, preservando algum grau de crítica. Entretanto, estudos contemporâneos demonstram que a localização espacial pode variar no mesmo indivíduo ao longo do tempo e que experiências internas podem apresentar igual intensidade e caráter invasivo. Além disso, não foram identificados marcadores neurobiológicos capazes de diferenciar consistentemente alucinações “verdadeiras” de pseudoalucinações, configurando o chamado “desafio das pseudoalucinações”.

A integração entre psicopatologia clássica e neurociência contemporânea revela que a distinção entre ilusão e alucinação mantém consistência clínica, uma vez que se fundamenta na presença ou ausência de estímulo externo. Entretanto, a categoria de pseudoalucinação apresenta fragilidade conceitual quando confrontada com evidências empíricas atuais.

A espacialidade da experiência perceptiva parece constituir fenômeno gradativo, e não binário. A externalidade não se configura como marcador absoluto de gravidade estrutural, tampouco como critério suficiente para diferencia-

ção diagnóstica. As alucinações emergem de disfunções distribuídas em redes neurais que envolvem linguagem, memória, integração sensorial e monitoramento da agência, sugerindo que tais experiências devem ser compreendidas dentro de modelo dimensional e integrativo.

A fenomenologia contemporânea enfatiza que as alterações perceptivas não dizem respeito apenas ao conteúdo sensorial, mas à modificação da própria experiência de agência e de corporeidade, indicando perturbações mais amplas na estrutura do self.

CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa evidenciou que a ilusão permanece definida como fenômeno perceptivo distorcido dependente de estímulo real, enquanto a alucinação se configura como experiência heterogênea, multifatorial e dimensional, não plenamente explicável por dicotomias clássicas entre interno e externo. Observou-se que a pseudoalucinação perdeu centralidade como categoria diagnóstica formal, porém a noção de espacialidade interna mantém relevância para descrição clínica refinada e para a escuta psicopatológica qualificada.

Os achados indicam que a compreensão contemporânea das alterações da sensopercepção exige articulação entre abordagem fenomenológica minuciosa e modelos neurocognitivos explicativos, integrando experiência subjetiva e correlatos neurais. Essa perspectiva integrativa pode contribuir para maior precisão diagnóstica e para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas mais individualizadas. Contudo, novos estudos empíricos, especialmente com desenho longitudinal e integração entre avaliação clínica e neuroimagem funcional, são necessários para aprofundar a compreensão dos mecanismos subjacentes às alucinações auditivas verbais e validar modelos dimensionais propostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALGALARRONDO, P. A sensopercepção e suas alterações (incluindo a representação e a imaginação). In: DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2019.

LÓPEZ-SILVA, P.; CAVIERES, Á.; HUMPSTON, C. The phenomenology of auditory verbal hallucinations in schizophrenia and the challenge from pseudohallucinations. Frontiers in Psychiatry, v. 13, 2022. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyt.2022.826654.

TELLES-CORREIA, D.; MOREIRA, A. L.; GONÇALVES, J. S. Hallucinations and related concepts – their conceptual background. Frontiers in Psychology, v. 6, p. 991, 2015. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00991.